

DEPOSITO LEGAL

160

MARIA RITA



SEMANARIO
na livreria de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSE DE ARTIMANHA

HUMORISTICO
Director artistico e Secretário da Redacção
OCTAVIO SÉRGIO

OCTAVIO SÉRGIO



MARIA RITA, a que morreu a rir, ressurgindo das cinzas do tédio nacional, apresenta ao público a sua família.
Por sua vez, a família, apresenta MARIA RITA... e os seus cumprimentos aos leitores.

Propriedade da Empresa do
Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO

N.º 1 Pôrto, 23 de Abril de 1932 Ano I



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura.

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

Companhia do Papel do Prado

(Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada)

CAPITAL -- ACÇÕES 7.000.000\$00



Tem em depósito
grande variedade de
papéis de escrita, de
impressão e de em-
brulho.

Toma e executa
prontamente enco-
mendas para fabrica-
ções especiais de
qualquer qualidade
de papel de máquina
contínua ou redonda
e de fôrma.

SEDE EM LISBOA

Direcção e Escritórios

Rua dos Fanqueiros, 278-2.º



DEPOSITOS

LISBOA _____

270, Rua dos Fanqueiros, 276

PORTO _____

49, Rua Passos Manuel, 51



Proprietária das fá-
bricas do Prado, Ma-
rianaia, Sobreirinho
(Tomar), Penedo,
Casal d'Ermio (Lou-
zan) e Vale Maior
(Albergaria-a-Velha).

Instaladas para
uma produção anual
de oito milhões de
quilos de papel e
dispondo dos maqui-
nismos mais aperfei-
çoados para a sua in-
dústria.

Números telefónicos:

LISBOA—22332

PÔRTO—117

Enderços telegráficos:

LISBOA {
PÔRTO { **PELPRADO**

MARIA RITA é impresso em papel da "Companhia do Papel do Prado,,



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Só os que forem muito velhos, acima dos setenta e tantos, se lembrarão ainda da Maria Rita, esse Demócrito de saias e chinelas de ourolo que passou a vida a rir, e a rir deu a alma ao Criador, certo dia em que dois ou três casos grotescos desabaram sobre ela, ao mesmo tempo, como uma nuvem densa de gases hilariantes.

Teve uma morte feliz, — excepção à regra geral, estabelecida pelo filósofo grego, de que a chorar entramos na vida e a chorar saímos de ela. Para gozar essa inexcedível ventura é necessário possuir um temperamento muito especial. Tinha-o a Maria Rita, com uns nervos por tal forma sensíveis que, à menor cócega na epiderme, disparavam em gargalhadas infundáveis. Foi numa de estas que lhe faltou o fôlego, — coisa que, ousamos esperá-lo, nunca há de faltar a esta, embora a nova MARIA RITA se proponha rir, e fazer rir, muito mais do que a outra.

São diversos os tempos, mas a comédia é a mesma. Na política, na sociedade, na própria vida do povo, os casos cómicos alternam com os trágicos, sendo que os factos risíveis sobrepõem em número os que mereçam a compunção geral. A crónica da vida portuguesa, para ser perfeita, teria de ser escrita por Aristófanes e ilustrada por um caricaturista. O que se nos afigura exagêro nada mais é do que a realidade. Todas as coisas, mesmo as mais solenes, mesmo as mais sublimes, mesmo as mais emocionantes, teem um lado intensamente ridículo. E' essa faceta que a MARIA RITA se propõe focar. E tenham a certeza de que — mesmo quando falar a sério — há de estereotipar-se no seu semblante um esgar de riso.

«A vida é feia, a vida é triste» — afirma o último personagem de António Ferro. Engano! A vida é diabòlicamente linda, como um sorriso de Greta Garbo, e prodigiosamente alegre, como uma carteira a transbordar.

Mas, mesmo que assim não fôsse, — tristezas não pagam dívidas. Cá em casa não se admitem lágrimas, a não ser o «lacrima-cristi». E ainda assim, prefere-se-lhe o champanhe: no cristal transparente da Verdade, a espuma salitante do Riso.



O sr. dr. Júlio Dantas publicou há dias, no *Primeiro de Janeiro*, um interessante diálogo intitulado *História de um colar*.

Tôda a gente gostou, apreciando mais uma vez o talento do douto presidente da Academia das Ciências.

Mas sempre os grandes homens provocaram a inveja dos de menos coturno. E a prova está em que o sr. Francisco Canavarro de Valadares veio, na *Voz*, atirar-se ao autor do *Sol-e-dó Timpanas*, acusando-o de ter roubado o artigo, que se encontra, com a etiqueta de *Le gros lot*, nos *Dialogues d'amour* de Michel Provins.

A acusação era grave, e punha em cheque, não só a reputação do sr. Júlio Dantas, como a da Academia. Corremos, por isso, a compulsar a obra de Provins. E respiramos, libertos do opressor pesadelo. O diálogo de Provins é escrito em francês, e o do sr. Dantas em português.

Como se vê, medeia entre os dois um abismo.

— Marquesa! Isto é roubar?

O cardinal Gasparri acaba de publicar um livro exaltando o matrimónio.

Bem se vê que não é casado. Se o fôsse, é natural que escrevesse a apologia do celibato.

Mostram-se furiosas as fressureiras, que representaram a quem de direito, queixando-se de se encontrarem em *chômage* forçada.

A culpa, segundo elas, é da concorrência desleal dos marchantes.

Afigura-se-me que as mulherzinhas teem razão, — embora se dê o facto paradoxal de elas se mexerem precisamente quando não teem trabalho. E' preciso meter os marchantes na ordem. Cada qual na sua especialidade.

A célebre jogadora de ténis, miss Helen Wills Moody, foi contratada para trabalhar num estúdio cinematográfico de Hollywood por cem mil dólares. Começou de boa vontade o seu trabalho, mas, ao chegar à altura em que tinha de dar um beijo ao galan, recusou-se terminantemente a isso. Beijar um homem, nunca! Só a aquele que a levasse à igreja. O pior era que o galan não podia tomar esse compromisso, por ser já casado e pai de quatro filhos.

Por mais que lhe pediram e lhe patentearam a inocência do acto, miss Helen não beijou, rescindiu o contrato, e perdeu os cem mil dólares.

E' tôla, a rapariga! Um beijo por cem mil dólares é de encher o ôlho, mesmo quando dado

na bôca. Há por aí quem os dê muito mais baratos, sem se julgar deshonrado com isso. Cá na redacção há três rapazes gentis, todos de cabelinho na venta, embora o não tenham na cabeça, que estão prontos a beijar tôdas as leitoras da MARIA RITA por preços muito mais em conta e ao alcance de tôdas as bôcas.

Segue a respectiva tabela:

Senhoras entre os 16 e os 30 anos . . .	10 Esc.
Senhoras entre os 30 e os 40 anos . . .	20 Esc.
Senhoras entre os 40 e os 50 anos . . .	30 Esc.
Senhoras entre os 50 e os 60 anos . . .	100 Esc.

Acima de 60 anos, preço convencional, mas os beijos serão dados nas netas.

As que tiverem olhos azuis (os homens preferem as loiras) gosarão 10 % de abatimento.

Também não poremos dúvida em beijar



crianças de peito, contanto que os ósculos sejam confiados às amas, para lhos transmitirem.

De um pensador:

«O amor dá às mulheres a inteligência que lhes falta, e tira aos homens a inteligência que elles têm».

Deve ser verdade. Basta, para o reconhecermos, compulsarmos os livros de versos amorosos que por aí se publicam.

Um fisiólogo norte-americano acaba de publicar um estudo muito interessante sobre a velhice. Segundo o sábio, as células do organismo humano, durante a idade adulta, funcionam harmònicamente sob o comando de um ditador poderoso: o encéfalo. Mas quando este enfraquece, as células anarquizam-se, entra de funcionar cada uma a seu alvedrio, — e de aí a velhice.

O sr. Cunha da Rasa: — Abaixo a anarquia!

O sr. Anibal de Moraes: — Viva a ditadura!

Ambos conservadores... e ambos muito bem conservados.

Marcial JORDÃO.

Homo natus est de macacum

Filhos da macacaria,
Nós, os reis da Criação?!...
Ora! eu antes queria
Ser filha do pai Adão.

E acho que não penso mal
Nesta ideia a que me agarro,
Inda que Adão, afinal,
Fôsse um boneco de barro.

Benzido, depois de feito,
(Se Deus o benzeu após)
Ficava um homem perfeito,
Carne e ôsso, como nós.

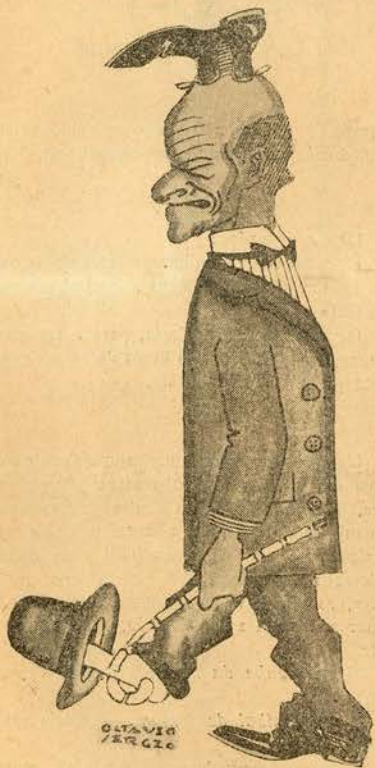
Sempre era Deus a fazer
Mais um dos milagres seus:
O barro, deixou de o ser...
P'ra ser a imagem de Deus!

Sempre era obra divina,
Fôsse barro... ou sei lá o quê!
A antiga frase latina
Não me vence, já se vê.

... A mulher, bem mais perfeita,
Já teve outra distinção,
Porque dizem que foi feita
Duma costela de Adão.

Sempre é carne, claro está.
Fôsse êle, antes, barro ou pús,
Foi um homem — vejam lá!... —
Um homem... que a deu à luz!...

ALDEÃ.



No mundo tudo marcha perfeita-
mente... e com a maior propriedade.



O cavalo de Tróia

O cavalo de Tróia — aqui para nós que ninguém nos lê — nunca existiu. Foram intrigas dos gregos quando se viram ditos para ir à cidade de Tróia. E a guerra começou, como começam quasi sempre as guerras tôdas: por causa duma mulher. Chamava-se Helena sem H como se poderia chamar Maria com Y grego. E, como tôdas as mulheres, gostava de Paris, donde se prova que não era tolice nenhuma. Mas quem não gostava desta pecha era o Menelau, que, quando ela fêz a primeira partida para Paris, jurou vingar-se. E assim foi. Menelau, que era filho de Tebas e rei de Esparta, armou as barcaças em vasos de guerra e despejou-lhes dentro o conteúdo dos guerreiros. E lá foram. Mas quando isto se soube do outro lado, caiu Tróia. Levantou-se a custo, e o grande Heitor com arte e manha fortificou a cidade o melhor que pôde, com sacos de farinha de trigo que eram mesmo areia, e deu ordem aos canhões para se apresentarem. Não faltou nenhum à chamada.

Do outro lado, os gregos já tinham desembarcado e estavam dispostos a vir à cidade. Mas como? Sim; mas como, se as portas estavam tôdas fechadas por causa do descanso semanal?

Resolveram portanto sentar-se de volta das ameaças, e foram comendo e jogando a meias.

Êste joguinho durou a módica quantia de dez anos, e neste tempo foram crescendo as barbas ao Menelau — rei de Esparta! — enquanto a sanha lhe ia decrescendo. Dentro da cidade a pérfida mulher deitava-se com Paris e levantava-se com o sol alto.

Foi então que os gregos resolveram construir um grande cavalo de pau, bem contra a vontade do Menelau, o qual propunha que se construísse um boi. Dentro da cidade, os troianos já não podiam construir nada. Tinham comido todos osm ateriais de construcção, desde o perpianho até ao cimento armado.

Quando o cavalo já era quasi gente, de que se lembram os gregos, salvo seja?... De lhe meter dentro da barriga os melhores guerreiros, com escudos e lanças. Mas o cavalo não enjoou. E' o lanças! Agüentou-se a pata firme, como um cavalo que era.

Então foram-se embora os outros gregos, ao mesmo tempo que os troianos, comandados pelo Menelau — rei de Esparta — mandava abrir as portas da cidade e introduzir em ela própria o monstro de madeira.

Nesta altura o bicho piscou o ôlho aos que iam na sua barriga, e ouviu-se um ruído, quem sabe se de satisfação, ou se dos que estavam a fazer de tripas.

Mas os troianos não ouviram nada, tão contentes estavam com a prenda que lhes tinham deixado os gregos.

Caía a noite devagarinho, por causa das comoções. E então o Cavalo de Tróia começou a fazer o seu serviço: do orificio que dava vazão à sua barriga principiou a despejar gregos, gregos, muitos gregos, que pegaram em Tróia e a levaram para onde muito bem quiseram.

E' verdade: esquecia-me dizer-lhes que Helena foi parar novamente aos braços de Menelau, que lhos abriu de bom grado.

José de ARTIMANHA.

Casos da rua

Desastre grave — Ontem, pelas zero horas (hora local), um *auto-car* da Carris foi atropelado por um *Austin*. O *auto-car* sofreu estragos consideráveis, sendo os prejuízos quasi totais. O *Austin* sofreu apenas o susto.

Atentado contra o pudor — Queixou-se à policia a menina Inocência dos Anjos contra um seu vizinho desenhista, que apenas conhece pelo nome de Octávio, porque êste, usando-a para modelo e tendo-a já quasi completamente despida, a quis obrigar a tirar o chapéu da cabeça.

Acometido por um ataque — Ontem, em pleno coração da cidade, foi acometido por um ataque que o prostrou sem fala, o conceituado negociante Prudêncio Farturas. O facto deu-se porque alguém, cuja identidade se desconhece, lhe pediu abruptamente, sem preparação prévia, quinhentos escudos emprestados. Nesse dia, era a quarta vítima que o facinora fazia.

REBOLA A BOLA

A' última hora, motivos imprevistos forçam-nos a retirar esta secção, onde um familiar desportivo de MARIA RITA, tratará de todos os assuntos que se refiram aos desportos.

No próximo número, pois, a bola rebolará.

ROUPA SUJA



Eva Stachino e Zulmira Miranda. O abutre estrangeiro e a pomba nacional

Questão morta, incêndio que lavrou em labaredas altas, já hoje reduzido a poalha de cinza — muita asneira fez imprimir nos prelos portugueses! Um amigo nosso, pessoa de espírito vivo, dizia-nos na *Brasileira*, comentando a literatice jornalística que ateva a cólera dos leitores contra a mexicana, dedilhando na banza do lirismo magoados acordes de ternura pela portuguesa: é um título de arromba — o *abutre estrangeiro e a pomba nacional*.

Lapidar!

Não se percebe, efectivamente, que um caso vulgar de polícia que se limitou a duas trôlhas, mais ou menos aranhadas pelas garras do *abutre* mexicano nas delicadas faces da *pombinha* do faduncho nacional, tenha assim preocupado este país, que apodrece de inferioridade, à míngua de grandes acontecimentos.

Felizmente tudo se esclareceu e não é ainda desta vez que Portugal declara guerra ao México.

Para outra vez será.

O Méxicozinho não perde pela demora.

CURIOSIDADE



— Ó mamã o que é uma sogra?

— ...ainda és muito pequenino, meu filho, para te poder dizer isso com tôdas as letras.

Canelas... e caneladas na gramática

Depois do *abutre estrangeiro*, outro acepipe fez dar estalinhos no céu da boca ao conspícuo e libidinoso Zé Pacóvio — o julgamento de Canelas!

Canelas... e muitas caneladas nas fíbias, tão descarnadas! — da Gramática Portuguesa, que ora anda por aí, famélica e esfarrapada, como *cocotte* que a

todos se deu, e já hoje não vale um chave, abocanhada pela vil concupiscência dos brutinhos que nela cevaram os apetites da sua ignorância.

Se houve até um jovem advogado, pura reviviscência de Rosalino, que deixou sair dos lábios esta interrogação:

— A senhora testemunha viu mexer o cadáver?

Viu, então não havia de ver!

Os cadáveres andam todos muito mexidos.

Ainda havemos de ler nas gazetas a tremenda notícia:

«*Revolução cadavérica*. — Rebentou ontem às primeiras horas da manhã, no cemitério de Agramonte, uma revolução.

Por ora não se registam mortos, porque os revolucionários, como a pescada, antes de o serem já o eram».

SAGACÍSSIMUS.

PERFIS DO PORTO

I DR. QUEIROZ DE MAGALHÃES

— «E se existo, é porque existes.»
(UM POETA).



Um homem que não existia se não existissem chapéus...

OLAVIO
JERONIMO
1930

A VIDA E A MORTE

(ALBUM)



UM POUCO DE HISTORIA

Carlos Magno

Entre tantos Carlos que o alfobre histórico nos fornece, este é o maior de todos, sobrelevando em celebridade e fama os outros variados Carlos que vão desde o fura-bôlos ao mata-piolhos.

Dêste senhor Magno, podemos afoitamente dizer que era um carlos com todos os aperfeiçoamentos, um carlos com seis cilindros, um carlos de luxo e velocidade, capaz de atingir cem à hora, só com a ponta da espada. Rei dos Francos e imperador do Ocidente, entreteve-se a brincar às guerras, vencendo os bávaros, os aquitanos, os árabes e os lombardos.

Depois de submeter estes últimos, atirou-se às mulheres dêles, as saborosas lombardas, seguindo-se-lhes, no delírio guerreiro, as tronchudas, as penças e a couve galega.

Se este Carlos não morre tão depressa, dava cabo da horta tôda e ainda entrava pelo Pomar dentro.

No ano de 800 (oito tostões dos antigos) o papa Leão III deu-lhe a coroa de imperador do Ocidente, uma coroa que nesse tempo valia vinte e cinco vinténs, e tinha mais pêso de prata do que mil escudos de hoje.

Morreu no ano 814.

Há que tempos isto vai, santo Deus! Parece que foi ontem...

Este Carlos Magno, Carlos 1.º na História, teve mais sorte que outro Carlos, também 1.º, que todos os portugueses conheceram.

O da França morreu, e o outro mataram-no.

Não sabemos se Carlos Magno deixou descendência, quere dizer que ignoramos se há por aí algum Carlinhos que lhe pertença.



O macaco — E é este abôrto que descende de nós!
Mas era um *blagueur* incorrigível, êsse Senhor Darwin!

O que a gente perde por não saber andar

Pela polícia foi-nos fornecida a seguinte lista de objectos perdidos nos lugares do costume, e que ficam desde já à disposição de quem provar ser o dono:

- Uma roda de automóvel.
- Um automóvel só com três rodas, encontrado um pouco mais longe.
- Um *chauffeur* sem cabeça, achado junto ao carro.
- Uma cabeça de *chauffeur* encontrada entre o *chauffeur* e a roda.

— Noutro local foi achado um exemplar do antigo jornal "O Mundo", e uma senhora esquartejada e sem iniciais. O mundo está perdido e a senhora também.

— Um menino de 23 anos que diz papá e mamá, mas não sabe onde mora. Este menino também está perdido.

— Um pai de família numerosa que não deseja ser encontrado.

— Um canário abaritonado e cego do olho esquerdo. Este estava no canto.

— Uma pêra eléctrica fundida e cheia de bichos.

— Um casaco velho que pode muito bem servir para um bairro operário. Tem 25 casas...

— As meias do Dr. Amílcar de Sousa.

Fado da "Maria Rita"

Ó rua do Capelão,
juncada de rosmaninho!
Se algum crítico malsão
disser mal do Pai Adão,
vai-lhe a Eva p'ra o focinho!

Tenho um degrau no meu leito
feito para ti sômente.
Dum combate peito a peito,
se alguém sair escorrito,
é porque foi um valente.

Tenho o destino marcado
desde a hora em que te vi:
ficar co'o rosto arranhado
se torno a cantar o fado
no Teatro Rivoli.

Dr. MADURO.



OCTAVIO
SERGIO

Rafael Bordalo

MARIA RITA, ao iniciar a sua publicação numa hora em que a expressão do riso é tão difícil, presta à memória de Rafael Bordalo, o grande animador do boneco nacional, as suas mais comovidas homenagens.

Rafael Bordalo, pela fertilidade do seu lápis, e pelo assombroso poder expressionista, foi tão grande como os maiores caricaturistas europeus do seu tempo.

Da estirpe de Eça, Ramalho, Fialho e Junqueiro, Bordalo será lembrado sempre que se dê notícia histórica do século XIX.

E há que manusear as colecções dos seus jornais *António Maria*, *A Paródia*, *Pontos nos II*, para se ter uma ideia precisa da sociedade do seu tempo, dos seus ridículos e mazelas.

Bem como, segundo os Goncourt, em França, o caricaturista Gavarni se colocou pela intenção literária de seus desenhos a par de Balzac, — Rafael, comentando com o seu lápis genial a comédia do século XIX português, é como que um desdobramento de Eça, Ramalho, Fialho ou Junqueiro — os grandes satirizadores da *comédia humana* em Portugal.

Por tal, MARIA RITA abre um parêntesis de seriedade no curso da larcha, para prestar culto ao genial artista, fazendo acompanhar estas breves notas do carvão expressamente desenhado pelo seu director artístico.

Divisão das aves

As aves são aqueles passarinhos que todos conhecem por não escolherem sítio para fazer das suas. São divisíveis em variadíssimas espécies como o café ou o vinho do Porto.

A ave é o animal mais parecido com o homem, porque só tem dois pés, e a maior parte de elas são de bico amarelo.

Das espécies que eu conheço, apresentarei duas: aves penadas e aves depenadas. As primeiras servem para embalsamar e para fazer chapéus de senhora casada; e as segundas servem para fazer arroz de frango e coisas correlativas.

As aves distinguem-se pela cor da plumagem e por serem machos e fêmeas. Por exemplo: o melro é negro, quando de noite todos os gatos são pardos; e a fêmea do cerezino é um preparado químico que se há-de descobrir um dia.

As aves dormem com os olhos fechados, o que dá aso, às vezes, a que as raposas deixem ficar só as penas. Também há aves que não dormem, como, por exemplo, as pégas e as corujas.

Há poucas aves que rastejem; conhecemos apenas o crocodilo, e pouco mais.

Como dissemos atrás, quasi todas as aves são bípedes; distinguiremos apenas a mósca, que tem seis pés, e vê-se bem enrascada para os mexer um de cada vez.

O cantar das aves é belo. Só o cuco canta de tal maneira que a gente chega a não saber se êle soluça.

As aves voam; são como os aeroplanos. Mas não aterram, salvo algumas excepções, como por exemplo: as águias.

A cegonha e a perua apanham-se com facilidade. Já o mesmo não sucede com os pardais, que caem como tordos.

E o mocho, pia na marmórea cruz.

João RIALTO.

MARIA RITA há 50 anos

Por motivos estranhos à nossa vontade, que aliás os leitores compreenderão facilmente, atentas as proverbiais deficiências de um primeiro número, não nos é possível publicar hoje esta secção.

O PORTO DA "MARIA RITA"

O QUE B VIU NAS
ESTÁTUDA CIDADE

D. PEDRO V

O INFANTE

O CASTIÇA
DA BOAVISTA

A MENINA E
OS MENINOS

O CAMILO

D. PEDRO IV

...o que falta ou o que se a cada uma delas...



A MARIA RITA não é como as outras pessoas. Em lugar de vir de França numa condeci- nha, veio num açafate dos grandes, e já nasceu com aquela caraça que V. Ex.^{as} vêem e com a proeminência ventrílo- qua que a há de tornar imortal se Deus quiser.

Curiosa como é, depois que se apa- nhou livre do lápis do Octávio Sérgio deitou a correr para a cidade, a ver o que o Pôrto tem de bom. E' claro que, como todo o tripeirinho que se preza, só achou defeitos em tudo o que viu, e, como tagarela que é, deu-se pressa em no-los confiar. Por hoje, ficamos em

AS NOSSAS ESTÁTUAS

Como sabem, no Pôrto há diversas espécies de estátuas: pedestres, como



a de D. Pedro V, eqüestres como a do D. Pedro IV, e assentadestres como a da menina da Avenida. Além destas, há ainda a da Rotunda da Boavista, que não é nada.

Postas assim as espécies, vamos tentar exemplificar cada uma de per si, e, segundo o critério curioso da MARIA RITA, dizer a VV. Ex.^{as} o que falta ou o que cresce a cada uma delas.

A do Infante D. Henrique

Começamos por esta, por ser a que está mais no fundo. Esta estátua tem braço a mais. Não acham que aquele descomunal apêndice braçal que está apontando para a igreja de S. Francisco precisava de aprender a fazer um gesto de acôrdo? ou então talvez não fôsse mau aproveitá-lo da seguinte forma: dependurar-lhe um cartaz que dissesse:

Alto aí, rapaziada!

É ali o Restaurante Comercial e tem uma pinga de estalo

E depois, se fôr crescendo daquela forma, pode muito bem chegar a meter-nos a mão na Bôlsa. Por isso, ber- raremos:—Abaixo o braço do In- fante!!...

O túmulo de Camilo

É ali mesmo, ao chegar ao Pôço das Patas. Desgraçado Mestre! Padeci- mento atroz o teu! Mas de onde te vem o esverdeado do rosto, se nem o figado te deixaram para segregares a bilis? Olhando-te de frente, tens pelas costas um canudo! E vendo-te de cos- tas, pareces um corcunda. Falta-te tudo: desde o marmeleiro com que zurzias impiedosamente, até aos pés despro-

porcionados onde assentavas o corpo, e com que assentavas as costuras aos difamadores.



A do Senhor D. Pedro V

Um dos nossos poucos reis da última dinastia que foi para a Batalha de cabeça descoberta.

Não sei porquê, mas entendo que tem cabeça a menos, e muita calça a mais. Também a espada é grandiosa para um rei daqueles, que fazia obras de caridade. De volta do plinto, tem *cartões de visita* a mais: «Visita a Expo- sição, visita o Pôrto, visita o Palácio

de Cristal,» etc. E' uma verdadeira sala de visitas. E a cabeça deve-lhe ter min- guado, com o esforço requerido, por a

acabar-se um dia, quando os Estados Unidos da Europa abolirem as fronteiras. E nessa altura, se já não tiver cabi- dela a razão para que foi criada, não se perde nada, porque não tendo cabeça, fácil é substituir o motivo alegórico. Entretanto, podiam empregar os tapa- mentos para uma tómbola de panelas e apetrechos da mesma família. A esta estátua ainda lhe falta tudo, e já lhe falta mais alguma coisa: a curiosidade de quem passa. Propomos que, entre- tanto, se coloque lá a effigie do sr. Plá- cido com a Senhora da Hora numa mão e a Santíssima Trindade na outra. Não ficaria mal, e era um acto de cul- tura.

Os meninos abandonados na... rodinha

Esta sim, esta é que é uma estátua e pêras. Há por aí quem lhe chame um motivo, e o Armando Leça, por causa disso, vai escrever um poema pictórico. Mas aquilo não é um motivo; aquilo é uma razão de ser da nossa vitalidade.

Nesta estátua a única coisa que falta é um fiozinho de água aqui e ali, para amenizar. Seria mais bonito agora que vamos a caminhar para o S. João.

Dizem para aí que estes meninos são filhos da menina húmida, mas é mentira. Eles não teem mãe, porque facilmente se vê que foram abandona- dos na roda.

A menina húmida

Cá está a única estátua de que a MARIA RITA não falou. Quando a conversa se dirigiu para ela, baixou os olhos púdicamente e disse apenas:

—A essa falta-lhe a roupa e a ver- gonha.

Mas nós entendemos que não. A Vénus dos *chauffeurs* é perfeita e linda. E ainda havia de ter graça vê-la naquela postura de Maria da Fonte, vestida com a complicadíssima indumentária das nossas mulheres de hoje. Oxalá não siga nunca o caminho do Portorirão, que foi desterrado para o Palácio Episcopal e lá se conservará para sempre enquanto se não curar daquele pé formidável que os autores lhe puseram.

E, por último, vendo que a MARIA RITA se dispunha a retirar, pergunta- mos-lhe o que pensava do sr. D. Pedro e do seu eqüestre companheiro. E ela respondeu já de fugida:

—Olha: o D. Pedro tem de mais a carta; quanto ao cavalo, a êsse não lhe falta coisíssima nenhuma...



NAS BOCAS DO MUNDO

A' mesma hora a que vulgarmente é costume chamar-se última os mesmos motivos de que em outro lugar demos notícia obrigam-nos a retirar o original desta secção completa e sonoramente radiófila. Esta secção vai ser falada.



POR MAL

OLAVO
FERREIRO



DOS NOSSOS PECADOS

(Impressões de dois lisboetas de empréstimo)

Arte de bem fazer

Assim como já havia épocas especiais para se jogar *foot-ball*, para se cultivar o hipismo, para se praticar a natação, meses certos de romarias, de pescatas à beira-mar, de grandezas fora de portas, inventou-se agora — a moda traz ainda cueiros — mais um novo feriado de regabofe: a temporada oficial de caridade. A população lisboeta que durante o inverno olha com glacial indiferença para aqueles que lhe estendem a mão, sente-se animada de um desejo intenso de praticar o bem, assim que a primavera começa a desencadear o céu.

Os corações selados de carinhos pelos rigores do frio, tornam-se em vulcões de afectos mal o tempo entra a aquecer. Com o reventar das árvores rompe na alma do alfacinha foneta uma tal brotoeja de piedade que dificilmente se encontram mistelas ou xaropadas que lhe dêem alívio. Estamos nas épocas trágicas dos chás de caridade, dos *gardens partys* de caridade, dos concursos de caridade, das *gymcanas* de caridade, das excursões de caridade, das récitas de caridade. Caridade para todos os cantos, ao dobrarmos tódas as esquinas, embrulhada em tódas as conversas. O seu símbolo, uma figura ideal de mulher de rosto encantado pela ternura de uma infinita bondade, transforma-se, com tão quiescente perseguição no corpanzil chabiziano do nono crêdor mais resistente. — E não há ninguém que re-

cuse o seu auxílio a qualquer rapioca beneficente. Os esforços de todos subjagam-nos, comovem-nos. O trabalho insano despendido pelas Silvas... para escolherem as *toilettes* destinadas à *verbena* caritativa das Mendonças, as energias gastas pelas Sanches... para apresentarem no *bal de tetes* a favor da *gota de água* uma coisa que elas, coitadas, nunca tiveram: boas cabeças, os sacrifícios do Fonseca dos móveis... para conseguir levar a família com fatiotas novas ao chá das Limas, são dos que jamais se esquecem na história da assistência. Enternecem-nos tanto desprendimento, tanta simplicidade, tantas virtudes.

Mas se estas nobres qualidades se afirmam, em tódas as festarolas esmoleres, nas récitas então tomam um aspecto maravilhoso. Ali sim, ali é que elas se revelam com todo o esplendor da sua beleza. Basta analisarmos a conta-corrente dum desses espectáculos para logo nos saltarem aos olhos tão enternecedoras qualidades. O desinteresse com que o empresário leva... quatro contos pelo aluguer do teatro, a abnegação do homem do guarda-roupa em receber um conto e quinhentos pela cedência das fatiotas, o espírito de sacrifício do autor em escrever a peça... para cobrar dez por cento de direitos, as obsequiosas dádivas dos músicos... abotoando-se só com oitocentos escudos

por espectáculo, o tipógrafo contentando-se com quinhentos pelos programas, os carpinteiros reduzindo os seus honorários para duzentos, fazem com que no final a pòbre instituição a quem é dedicada a récita venha a receber a avultada quantia de 3... vezes nove, vinte sete... nada.

Finda a temporada oficial da caridade chega-se a esta paradoxal conclusão: todos gastavam fartas somas para os pobres mas os únicos que não as receberam foram precisamente estes. E como as funções aumentam de ano para ano e com elas o preço dos bilhetes, neste pacato recanto lembramos mais uma época ser respeitada no próximo 1933 e destinada a socorrer aqueles que as festas de caridade lançavam na miséria.

Irmãos UNIDOS.

O conflito teatral entre a Eva Stachino e a Zulmira Miranda deu os seguintes resultados:

A Zulmira anda arranhada; e como *estrêla* que é, a Eva cometeu um crime de arranha-céus...

Por seu lado, a Eva foi coagida a abandonar o teatro. Portanto, o conflito deu em resultado uma Eva-coação...

Talvez já saibam esta...

Por D. FUAS



— Vocês querem saber uma que me aconteceu hoje?

— Tinha uma vontade enorme de comer pêssegos. Assaltei uma quinta e subi a uma árvore...

— E quantos pêssegos roubaste?...

— Nenhum, porque subi a um eucalipto.

DE

ARRIPIAR

MATHEO
ZERGO



CABÊLOS

O audacioso rapto duma espôsa inexperiencede

Enterrado no seu *maple* estilo Nascimento, estava o meu amigo e célebre detetive Philêas Chamiço às voltas com os seus pensamentos dedutivos.

Cá fora caíam as nove horas da noite; eu caía também de sono.

Desde as duas da tarde que estávamos tentando inútilmente resolver este problema: «porque que é que a porca dorme?» quando uma campainhada na porta nos chamou à realidade.

—Uma campainhada na porta—pensou Philêas—quere dizer que alguém se encontra nela, pois que a campainha não toca sòzinha.

Berrou então, como um possessor: —Vitória! Vitória! (Vitória era a criada, e não qualquer exclamação satisfeita).

A porta interior apareceu a velha governanta, que era assim uma espécie de «Maria Rita».

—Tocaram! Manda entrar!

A velha saiu, com um forte cheiro a gato mal educado.

—Ouça, Dr. Knox! É um homem quem aí vem! Conheço-o por este arrôto que dei.

Uns passos leves subiram a escada, e entrou o recém-vindo.

Era um homúnculo magro, cambaleando da perna esquerda. Porque a direita era maior do que ela? Porque a outra era mais pequena? Eis um mistério indecifrável.

Entrando, berrou para o detetive:

—É o sr. Philêas Chamiço, o polícia que tudo sabe, tudo vê e nada diz?

—Em carne e osso; ou melhor, só em osso, que carne é coisa que já não tenho há muito. Mas nada diga. Falo eu.

Philêas mirou-o, pensou meia hora e disse:

—O senhor veio de camioneta.

—Como o sabe?

—Pelas suas costas, que estão tôdas vomitadas.

Pensou mais meia hora e continuou: —Dirigiu-se depois para um estabelecimento de «sêcos e molhados», ou melhor, «só molhados», que há por baixo da rua 31 de Janeiro.

—Como o sabe?—repetiu o outro.

—Pelas suas botas, que veem tôdas pingadas.

—Mas... podia ser da chuva...

—Não, porque o seu chapéu está sêco.

Admirei a argúcia do meu amigo, que continuou:

—Vem procurar-me porque lhe roubaram a mulher.

—Como o... —ia êle a dizer.

—Pela sua cara. O senhor tem um rosto à Pedro Sem, aquele que já teve e agora não tem; e como dinheiro foi coisa que o senhor nunca teve, vê-se que essa cara se refere à mulher.

—É verdade—articulou êle.—Roubaram-ma. E o que é pior: tenho a impressão que ma comeram.

—Que lha comeram?—disse o polícia.—Mas raciocinemos!

—Raciocinemos—concordei.

—Raciocinemos—regougou o marido.

Meia hora depois, perguntou o polícia:

—Desconfia de alguém?

—Sim, do meu vizinho Manhoso.

—Porque desconfia?

—Porque lhe ouvi dizer um dia, quando minha mulher passava: *Comia-a tôda!*

—Sim, é um formidável libelo!—E aquecendo, acrescentou:—Já percebo o que levou o seu vizinho ao rapto. Sim, quando a idiosincrasia tende para a hipotensão mental dos impulsos primordiais, produzem-se sempre associações de ideias capazes de fazerem eclodir efervescências ambíguas na indecisão marasmática. É fácil de compreender. Para começar as investigações, deixe-me um retrato da sua espôsa.

E vendo um, que o visitante lhe entregou, murmurou entre dentes:

—Bem bom! Bem bom!—Depois, alto, perguntou:

—Esse tal Manhoso, onde costuma passar as noites?

—Na *Adega do Coxo*.

—Muito bem. Adeus. Em breve terá notícias minhas.

Mal a porta se fechou, berrou-me Philêas:

—Depressa! Disfarcêmo-nos e saímos.

Eu, por causa da minha clientela, tive que me disfarçar a valer. A êle, bastou-lhe pôr um grande bengalão no braço, pois não há nada que disfarce tanto uma pessoa como uma boa bengala, principalmente se é despachada a tempo nas costas de quem tente reconhecê-la.

Partimos. A *Adega do Coxo* estava à cunha, como em dia de *première* de pipa nova. Tôda a fina flor da malandragem. Entrávamos em relações com a quarta caneca vidrada (em Roma sê romano, no tasco atromba-lhe) quando entrou o nosso homem.

O meu amigo chamou-o, berrando ao mesmo tempo:

—Rapaz, vinho para aqui e com força!

A frase «vinho... e com força» o homem aproximou-se e, assentando-se, perguntou:

—Que há?

—Quero salvá-lo.

—E' tarde—respondeu, esvasiando a caneca.—E' vício que já não perco.

—Beba-lhe. Em sua casa falaremos.

Ele bebeu segunda caneca, pediu mais vinho, tornou a beber, tornou a pedir, tornou a beber... Depois saímos.

Percorremos ruas sem fim. Eu já não podia mais. A bengala do Philêas tinha-se-lhe acabado a ponteira. Rompeu o dia. O homem ria-se de nós, com certeza. Furioso, pus-lhe a mão num braço e berrei-lhe:

—Pára, malandro! Ou dizes onde moras, ou salto...

E saltei! Senti-me ir pelo ar, e não me lembro de mais nada.

Quando acordei, estava na cama, todo ligado. A meu lado, o Philêas. Com voz débil, elucidou-me:

—Quando vi você cair, atirei-me a êle e dominei-o, mas fiquei por baixo, e meia dúzia de sôcos que êle me deu, puseram-me neste estado.

A campainha interrompeu-o. Momentos depois aparecia à porta o infeliz marido, e—milagre!—vinha com o pancadão da mulher.

—Desculpem—disse êle.—Vou explicar-lhes o que se passou! Tratou-se de um pequeno esquecimento de minha mulher. Foi visitar o meu amigo Barroso. E coitada, distraída como é, esqueceu-se de voltar para casa, só hoje se recordando dos seus deveres conjugais.

—Não foi então comida? Não lhe faltou bocado nenhum?

Ela respondeu, com os olhos brilhantes:

—Não! Descanse, que nestes dias nenhum bocado me faltou. Antes pelo contrário!

Doutor KNOX.



Mote a Concurso para o
nosso próximo número:

RESSURGE A "MARIA RITA",
A TAL QUE MORREU A RIR!

Este mote deve ser glosado em déci-
mas, cujas, embora relaxadas, teem de
transpor os umbrais desta redacção
até Quarta-feira.

Cancioneiro da MARIA RITA

(três por semana)

"Quem canta seu mal espanta"
Diz um rifão popular;
Por isso o gato em Janeiro
Não se cansa de miar.

Quem tem meninos pequenos
Não se farta de os mudar.
Quantas vezes as mãs cantam
Com vontade... de ir lá fora.

Tenho um degrau no meu leito
Que parece um patamar.
Tem cautela com as curvas
Que até podes tropeçar.

Tito-Lito JÚNIOR.



BOM SENSO

Confortado com todos os sacramentos
da Santa Insensatez

FALECEU

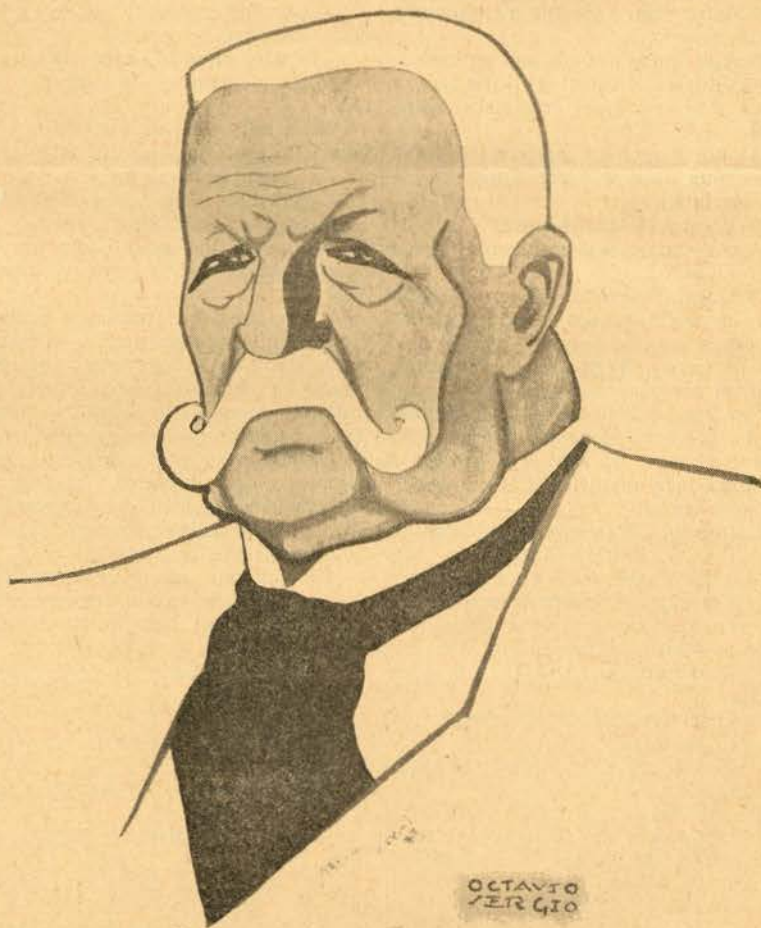
Os parentes do saudável falecido
cumprem o doloroso dever de parti-
cipar a tódas as pessoas das suas re-
lações que o funeral do conspícuo e
honrado cidadão se realiza amanhã no
Cemitério Falabarato, em cuja capela
serão resados resposos por Sua Exce-
lência Reverendíssima o Sr. D. Leo-
nardo Coimbra, bispo honorário de
todos os enterros de 1.ª classe.

Atendendo à altura do sentimento
e largura da dor, pedem desculpa de
cumprimentos para não ficarem com-
pungidos em três dimensões.

COROAS & CARTOLAS

I

HINDEMBURGO



Diz-se-ia a reencarnação de Bismark êste fero e rijo octogenário que
desarmou o jazz-band de Hitler.

MARIA RITA é de opinião de que a um velho assim... não se pode
virar as costas.

Quem é?

Vive no Pôrto. E' banqueiro.
E tem um trabalho insano
a dirigir os negócios
que são dêle e mais do mano...

Sempre metido na toca,
cá fora ninguém o vê.
Tem um «côco» há 30 anos.
Iniciais são: **A. B.**

FERVIDO.

Adivinha

Na casa, e também na rua;
no ar, e também no chão.
Na terra, no mar, na lua,
e, estando no coração,
'stá no Amor, no Ódio não...

ZEBEDEU.

Anexim

Duas filhas. A primeira,
assaz calada e simplória.
A outra, crê-se finória,
mas, se fala, sai asneira!

Ora, à que se faz esperta
e diz sandices,—a mãe
repete o rifão que «.....
.....»

ZARATRUSTA.

(As soluções devem dar entrada nesta redacção até à próxima quarta-feira).

Alvícaras

Dão-se na Administração dêste quotidiano semanal, todos os dias inúteis, desde as 3 horas da tarde (meridiano de Paris) até às 10,35 horas da manhã do mesmo dia, a quem entregar uma cartelinha da raça de trazer ao colo, que, por desportos íntimos desapareceu da residência de seus Pais.

A pobre menina, que foi educada num canil estrangeiro, toca francês a quatro mãos e fala correctamente piano e bandolim.

A todo o tempo se procede contra quem a retiver.

MEIO CONTO POR SEMANA
OV 500\$00 DE PROSA

O Senhor Arrôbas

O senhor Arrobas quando nasceu era ainda muito criança. Pois, a-pesar-disso, apresentou-se logo na vida com o bonito pêso de vinte e sete quilos, o que fêz o desespero da infortunada parreira, que se viu obrigada a chamar um moço de fretes, para a ajudar a fazer o respectivo despacho.



O padrinho, em homenagem ao pêso do rechonchudo neófito — que teve de ser retirado da pia baptismal com o auxílio dum guindaste — resolveu dar-lhe o pesado nome de Arrôbas, nome com que o pimpolho entrou na vida, que para êle — ó ironia do destino! — correu leve e alada como asa transparente de mariposa subtil.

Mestre Arrôbas cresceu e engordou. Aos dez anos pesava cinqüenta quilos, aos vinte alcançou setenta e cinco, e ao prefazer as trinta primaveras atingiu o centenário em quilos, o que foi motivo de grande satisfação na família, que vaidosa se ufanava de ter um membro na mesma com tanta longevidade de gramas.



O Arrôbas deslizou suave pela passadeira da existência. A sorte bafejou-o. Moço ainda, teve a ventura de montar uma moderníssiam fábrica de pêsos, que se desenvolveu e prosperou num abrir e fechar de olhos. Começou por fabricar pêsos de quilo só com novecentas gramas, e foram tantas as encomendas recebidas no Pôrto, Lisboa e províncias, que o Arrôbas foi aperfeiçoando o fabrico até atingir o máximo da perfectibilidade, apresentando pêsos de quilo sômente com setecentas e cinqüenta gramas!

As encomendas choviam de tôda a

parte. Quanto menos pesados eram os pêsos, mais freguesia conquistava o honesto fabricante, que depois de muitas noites perdidas e de cinco anos de aturado trabalho, conseguiu lançar no mercado as suas célebres toneladas só com quinhentos quilos de pêso!

Vinha a ganhar o Arrôbas, em cada mil quilos, quinhentos quilos em notas e outros quinhentos em ferro, com os quais fabricava mais outra tonelada!

Enriqueceu. Ganhou popularidade. Todos o admiravam. O senhor Arrôbas dos Pêsos era um homem de pêso, a quem todos pediam conselho. Era o único comerciante a quem ninguém exigia o pêso certo da mercadoria. Pelo contrário: quanto mais roubava nos pêsos, mais estimado era pela sua numerosa clientela de carneiros, merceeiros, confeiteiros, etc.

Dizia a mulher do Arrôbas, uma santa criatura, às vizinhas suas amigas: Eu não sei o que têm os pêsos do meu homem, que tôda a gente os prefere!

* * *

Morreu o Arrôbas. Luto nacional. Foi ontem o funeral do grande filantropo e benemérito cidadão, inventor dos pêsos leves.

O dia estava triste. A atmosfera pesada, em homenagem ao Arrôbas. Na Associação dos Merceeiros houve uma sessão fúnebre dedicada à sua memória, sendo descerrada a seguinte lápide:

Ao sempre chorado Arrobas, inventor das mesmas com sete quilos e meio,

o comércio agradecido.

No cemitério, o presidente da mesma Associação pronunciou só estas palavras:



«Aqui jaz o Arrobas! Que a terra lhe seja leve... como os pêsos que êle vendeu.»

LEIDOAR.



COISAS DE FORA

Boletim financeiro

A balança comercial adversa acusa, actualmente, um desequilíbrio sintomático que as pautas aduaneiras da Europa e as últimas cotações bancárias tornam perigoso e os economistas eruditos receiam.

A exportação britânica e os capitais que afluem aos mercados balcânicos trouxeram ao intercâmbio internacional uma desorientação nas cifras do activo e uma anemia de transacções que perturbam ainda mais a situação económica da imobilização do marco-ouro.

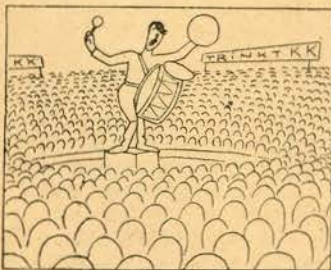
As Bôlsas tremem e a Crise aproxima-se: é o Passivo.

Conseqüentemente, como evitar a desvalorização e a queda de papéis até hoje altamente cotados? — Permitindo a importação clandestina dos produtos sul-africanos e a conversão dos títulos e obrigações das múltiplas Companhias Funerárias, porventura Decorativas, dos países cujos celeiros transbordam? Consentindo a emissão de novos fundos do Estado Livre do Congo e a irradiação das Dívidas Inscritas — externas, semi-externas ou internas?

A nossa opinião pesa, bem o ignoramos, na balança da Europa Central. E, assim, com a sinceridade que caracteriza todos os actos e quadros da MARIA RITA, lembramos aos altos poderes públicos a conveniência dum aumento geral da circulação fiduciária em tôdas as bôlsas — incluindo a nossa...

Roque-FÉLIX.

O JAZZ-BAND...

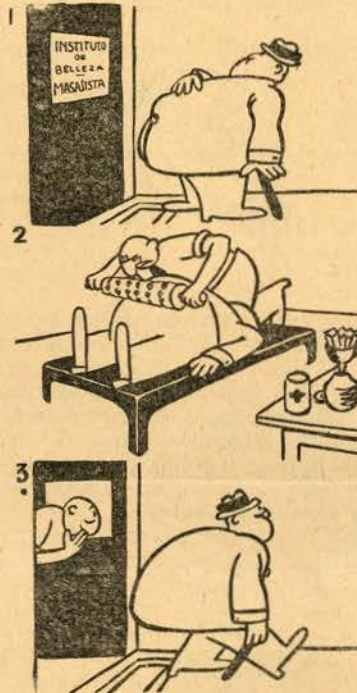


Hitler fazendo a propaganda da sua candidatura.

(De Arnold, no *Simplicissimus*).

A OBESIDADE

História muda...



...de um sujeito que mudou a barriga para as costas.

(De Fuente-Madrid).

POR ESSE MUNDO

Asas quebradas

Nova-York, 20 — Lindbergh, o famoso aviador, continua alimentando a esperança de reaver o interessante rebento que, a seu pedido, sua esposa dera à luz num dia muitíssimo obstétrico. — Uma nova pista surgiu, com impressões digitais do infante suavíssimo, cujas pègadas, húmidas do pranto, sobremaneira facilitam as pesquisas dos 7:329 detectives encarregados do caso.

Como até agora, porém, a Polícia Oficial nada tenha conseguido, a Privada mexe-se... — H.

Barcelona, 21 — Não se confirma a notícia da criança raptada ter sido vista num *meeting* comunista nesta cidade.

Ao que nos informam, parece tratar-se, apenas, duma informação errônea, filha da mãe de Lindbergh. — H.

Bagdad, 22 — Foi visto nesta cidade um dos possíveis raptadores do filho do As do Eter. É um *Kidnapper* loiro, com uma perna de pau e alguns olhos de vidro fôco.

O facinora conduzia a criança numa pasta de couro directamente importado da Rússia. — H.

Leningrado, 22 — Lindbergh recebeu ontem um telegrama dos Sovietes com indicações preciosas sobre o rapto.

Mas como o telegrama vinha em cifra, Lindbergh ficou a zero. — H.

A situação germânica

Berlim, 21 — A dissolução de tôdas as organizações partidárias de carácter altruista e beneficente, entre as quais avultam os «Capacetes de Aço» do ex-Komprinz e os Batalhões de Assalto, de Hitler, estabeleceu o pânico entre o pessoal de Atracção dos Caminhos de Ferro Através do Sahará.

Hindemburgo, Presidente e leito, encarregou o Komprinz da espinhosa tarefa da investigação da paternidade entre os povos eslavos, mandando internar num convento da Nova Zelândia o intemerato chefe racista. — H.

Berlim, 22 — As impressões digitais de Hitler sobre a dissolução do seu partido, concordam em absoluto com a opinião exposta pelo jornalista português, sr. António Ferro, ultimamente nomeado Pirandelo *honoris-causa*. — H.

O DEPENADO



Sinto muito, cavalheiros, mas já outros se adiantaram...

PEÇAS, E



Os olhos da morta

Tragédia em 6 cenas e um só quadro... a óleo

PERSONAGENS

SERAFIM DOS ANJOS, pintor — 30 anos.
EUSÉBIO MACINHATA, negociante — 50 anos.
ELISA, sem profissão definida — 25 anos.

Todos feios, menos esta última, que é um pedaço de mulher capaz de tentar um troglodita.

No atelier de Serafim dos Anjos, cuja especialidade é pintar anjos e serafins. De esta vez, por excepção, está pintando um retrato de mulher, matronaça de meia idade. Sentado num sofá, Eusébio soluça.

CENA 1.^a

SERAFIM, *voltando-se, de pincel em riste* — Então, senhor Eusébio! Coragem! Há seis meses que sua esposa morreu, e ainda chora de essa maneira!

EUSÉBIO, *limpando os olhos* — Hei-de chorá-la tôda a minha vida e ser-lhe fiel até ao último boquejo. Mal você sabe o sacrifício que faço em estar aqui, a contemplar o seu retrato.

SERAFIM — É indispensável. Como poderia eu, que a não conheci, pintá-la sem as suas indicações? Agora mesmo me são precisas. Diga-me: de que côr eram os olhos?

EUSÉBIO — Verdes, a fugir para garço, quando estava bem disposta; castanhos quando se encolerizava.

SERAFIM — É curioso. E... encolerizava-se com frequência?

EUSÉBIO — Três vezes por semana: às segundas, quartas e sextas.

SERAFIM, *sorrindo* — Dia sim, dia não, como as terças...

EUSÉBIO — Em compensação, a mãe tomava-se de delírio furioso às terças, quintas e sábados.

SERAFIM — Devia ter sido um céu aberto, a sua casa.

EUSÉBIO — Um verdadeiro Paraíso. (Com o beijinho a tremor): Ela amava-me muito. Tanto, que por três vezes requereu o divórcio, e outras tantas desistiu da separação. Um anjo! Estou a vê-la na agonia. — «Serafim! — disse-me ela. — Olha que, se me fôres infiel, venho do outro mundo cá abaixo, puxar-te as orelhas!... Depois, cerrou os olhos e os lábios, e só os abriu para cumprimentar o médico que lhe foi passar a certidão de óbito. Lá isso, era o cúmulo da delicadeza.

SERAFIM, *depois de ter rebuscado na caixa das tintas* — Demónio! Acabou-se-me o alvaiade! Vou ali, num ins-

fante, à drogaria da esquina. (Pois a pincel e a paleta sobre a cadeira, e sai).

CENA 2.^a

EUSÉBIO, *só, contemplando o retrato*: — Minha querida Felisminal Fica descansada, que nunca terás ensejo para o puxão de orelhas! (Levanta-se, e, para poder sentar-se na cadeira do pintor, pega nos pinceis e na paleta). Assim, perto de ti, tenho a impressão de que ainda estás viva e a ralhar-me!

CENA 3.^a

ELISA, *aparecendo à porta* — Dá-me licença? (Eusébio volta-se). Peço-lhe que se não incomode por minha causa. Pode continuar no trabalho.

EUSÉBIO — Perdão! Eu...

ELISA, *interrompendo* — Quem pede perdão sou eu, de o ter vindo perturbar. Mas o seu nome é já tão ilustre, que eu, apesar de o não conhecer pessoalmente, disse comigo: — «Elisa! Vai procurar o grande artista, que êle há de dar-te trabalho».

EUSÉBIO, *interessado* — A menina, naturalmente, é aluna das Belas Artes?

ELISA — Não senhor, sou modelo. Mas a profissão está pela hora da morte. O nu perdeu o interesse depois que as mulheres passaram a andar despidas. Tenho ganho muito pouco. Hoje, porém, disse comigo: — Vou oferecer-me ao sr. Serafim dos Anjos. E aqui me tem. Convenho-lhe?

EUSÉBIO — Não, menina, não me convém, porque...

ELISA — Qual não convenio! Garanto-lhe que sou infinitamente mais feita do que muitas que teem aqui pousado. Olhe: essa seresma que o senhor está pintando é que não vale um caracol. (Eusébio dá um pulo) A avaliar pela cara, o resto há-de ser bonito!

EUSÉBIO, *encrespado* — Menina! Eu peço-lhe o favor...

ELISA — De me despir? Com todo o gosto! (Começa a atirar para cima de uma poltrona o chapéu, o vestido e o corpete.)

EUSÉBIO — Pelo amor de Deus! Não é necessário...

ELISA — E', sim senhor! Quem compra, precisa de saber o que leva. (Fica inteiramente nua) Olhe bem! Pela

frente... Por detrás... De lado... Veja estas pernas, estes braços, estes ombros, estes...

EUSÉBIO — Já vi, já vi tudo! E' admirável!

ELISA, *tornando a vestir-se* — Pois quando precisar de mim, estou ao seu dispor.

EUSÉBIO, *com um brilho nos olhos* — E' casada?

ELISA — Quem quer desposar uma pobre de Cristo? Tomara eu um homem, assim da sua idade, boa pessoa...

EUSÉBIO — Que a pusesse de casa e pucarinho?

ELISA — Mesmo sem pucarinho. O essencial era a casa... e uma despensa razoavelmente fornecida. (Acabou de vestir-se) E com isto, não o maço mais. Aqui fica, sobre esta mesa, o meu cartão. (Saindo.) Já sabe: ao seu inteiro dispor.

CENA 4.^a

EUSÉBIO, *só* — Uff! Reccei muito pelas minhas orelhas!

CENA 5.^a

SERAFIM, *entrando* — Pronto! Vamos a continuar. (Toma os pinceis e senta-se) Dizia então o senhor que os olhos de sua esposa...

EUSÉBIO, *com uma resolução súbita*: — Olhe! O melhor é pintar-lhos fechados, para ela não ver o que vai passar-se. (Pegando no cartão) «Rua de S. Vitor, 586». Boa tarde. Passe bem, que estou com muita pressa.

SERAFIM — E então o retrato?

EUSÉBIO — Guise-o com batatas, ou dê-o de esmola a uma pobre. Quero cá semelhante mamarracho! (Sai a correr.)

CENA 6.^a

SERAFIM, *só* — E eu que contava com o dinheiro de êste trabalho para pagar ao restaurante! Sou um homem falido! O melhor é suicidar-me. (Desembrulha o papel que trouxe e emborça todo o conteúdo. Espera meia hora. Não sente coisa alguma. Por fim, uma dor muito fina... Desesperado, dá um murro na mesa) Faltava só esta, para a galinha ser completa! Em vez de alvaiade, deram-me sulfato de soda!

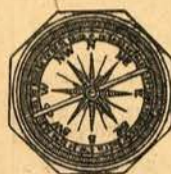
TURIDDU.

A MAIOR DIFICULDADE

PARA QVEM PRETENDE SEGRAR
a sua vida ou os seus haveres,
ESTÁ NA ESCOLHA DE UMA COMPANHIA.

DESDE A SUA FVNDACÃO,
EM 1853, HÁ, PORTANTO,

79 ANOS,
VEM A
COMPANHIA
DE
SEGUROS



"Garantia"

LIQUIDANDO PONTVAL-
MENTE TODAS
AS SVAS RES-
PONSABILIDADES,
SEM A MENOR
CONTESTAÇÃO.

A
M
C
S
D
MAIS
ORTANTE
RTEIRA
DE
EGVROS
E
VIDA
EM
Por-
tu-
gal

Séde:

Rva Ferreira Borges-37

PÔRTO

Delegação em

Lisboa:

Rva de S. Jvlião-63